



(Sentido horário, a partir do alto, à esquerda) Frank Doolin, seu filho Michael, Ben Pollock, Jordan Stokes e Gabriel Pollock com os equipamentos de flutuação, a corda amarela de náilon e o isopor ao qual se agarraram nas águas frias do Golfo do México.

CINCO NO MAR

POR ANITA BARTHOLOMEW



BEN POLLOCK, SEU PRIMO FRANK DOOLIN e os filhos de um e de outro descansavam no convés do barco pesqueiro de 6 metros de comprimento. Aquele tinha sido um dos melhores dias de pesca até então – um dia fresco de primavera em maio de 2004, durante o qual físgaram uns 70 peixes, entre robalos, garoupas e bonitos, suficientes para encher o *freezer* de todos. Os dois homens e seus filhos mais velhos, Gabriel Pollock e Michael Doolin, e um outro primo, Jordan Stokes, tinham estado fora, no Golfo do México, desde de manhã cedo, e agora desfrutavam os últimos raios mornos de sol antes de retornarem ao porto, em Hudson, Flórida. A cerca de 60 quilômetros e a duas horas da costa, e uma hora antes

do pôr-do-sol, eles estavam ansiosos por levar para casa o produto da pescaria.

Pollock comprara a embarcação (usada, ano 1972) recentemente e a tinha levado para um teste nas águas mais agitadas do Atlântico. Como a maioria dos barcos antigos, ele não havia sido “acolchoado” (isolado com material para mantê-lo flutuando caso virasse). Doolin não se sentia confortável quanto ao risco que isso representava e recusou-se a sair numa embarcação não-acolchoada. Mas Pollock zombou tanto das preocupações dele que Doolin acabou concordando em embarcar.

Agora, enquanto contornavam o arrecife, o barco parecia um tanto lento. Pollock deduziu que tinha entrado água no casco. Fácil de remediar. Puxou o tampão do casco para deixar a gravidade drená-lo enquanto iam para a costa.

Minutos depois, o motor, sem gasolina, engasgou e morreu. Hora de abastecer com o tanque reserva.

DOOLIN DORMIRA pouco na noite anterior – talvez no máximo uma hora. Mas, durante o curto período de sono, teve um pesadelo. Sonhou que seu filho, Michael, estava se afogando. O pesadelo mexeu com Doolin, fez com que ficasse mais atento à medida que se dirigia para a parte de trás do barco.

Enquanto isso, Pollock recolocou o tampão no lugar e pegou o com-

bustível e o funil para reabastecer o tanque lateral.

Mas tudo aconteceu muito rapidamente. A popa mergulhou fundo na água, as ondas começaram a bater contra as laterais. Parecia que o barco estava sendo puxado para baixo. Doolin agarrou um balde de plástico e começou a tirar a água. “Continue colocando o combustível!”, gritou.

Pollock acudiu rapidamente. Abasteceu o tanque e logo girou a chave, tentando fazer o motor pegar. Mas não conseguiu – ele já estava debaixo d’água.

“Peguem os coletes salva-vidas. Peguem qualquer coisa que flutue!”, Doolin gritou. Os meninos pularam na água, e os homens foram jogados no mar quando o barco virou. Doolin puxou Michael, 13 anos, e Jordan, 12, para perto de si, enquanto objetos soltos pipocavam à sua volta. Pegou o telefone celular, que guardava num saco plástico, e digitou o número de Emergência. Nada. Estavam muito afastados da costa. “Pegue a corda!”, gritou para Pollock. A âncora puxava o barco para baixo, e eles iriam precisar daquela corda amarela de náilon. Pollock e Gabriel, seu filho mais velho, 14 anos, cortaram a corda com ajuda da quina da hélice. Em seguida, equilibrando-se sobre o barco virado, que balançava, Michael e Jordan usaram-na para se amarrarem juntos.

“Meninos, sentem-se aqui”, Doolin disse, subindo no barco. “Não deixem isso virar, porque talvez a gente tenha de ficar aqui a noite toda.” Apa-

rentemente os garotos estavam calmos, mas, no fundo, Doolin sabia que deviam estar apavorados.

Pollock e Gabriel mergulharam em busca de equipamentos e vieram à tona num bolsão de ar – um bolsão com forte cheiro de gasolina. Gabriel nadou de volta e juntou os coletes salva-vidas que flutuavam na superfície. Enquanto os outros vestiam os coletes, Pollock continuava a mergulhar, recolhendo sinalizadores, uma lanterna, uma faca e uma bandeira laranja, de “perigo”, de dentro do barco. Colocou tudo em uma caixa

barco, afundado, puxava-o para o fundo, cada vez mais rápido. Pollock forçou novamente, e a caixa de isopor voou para a superfície como um torpedo. Ele e o isopor saltaram para fora d’água.

“Uhuuu!”, Pollock gritou triunfante, nadando com a imensa caixa para perto dos demais. Depois de se enfiar num colete salva-vidas, amarrou-se entre seu filho e Jordan. Os suprimentos estavam flutuando por todo lado e, sem pensar, Pollock abriu outro isopor menor, do qual saíram dezenas de peixes ensangüentados.

O sol se pôs. Ninguém podia vê-los. Ninguém procurava por eles.

de isopor que flutuava sobre as ondas e mergulhou de novo.

Em seguida veio o assobio de ar escapando. O barco afundava. “Pulem para longe, para que ele não os sugue para baixo!”, Doolin gritou.

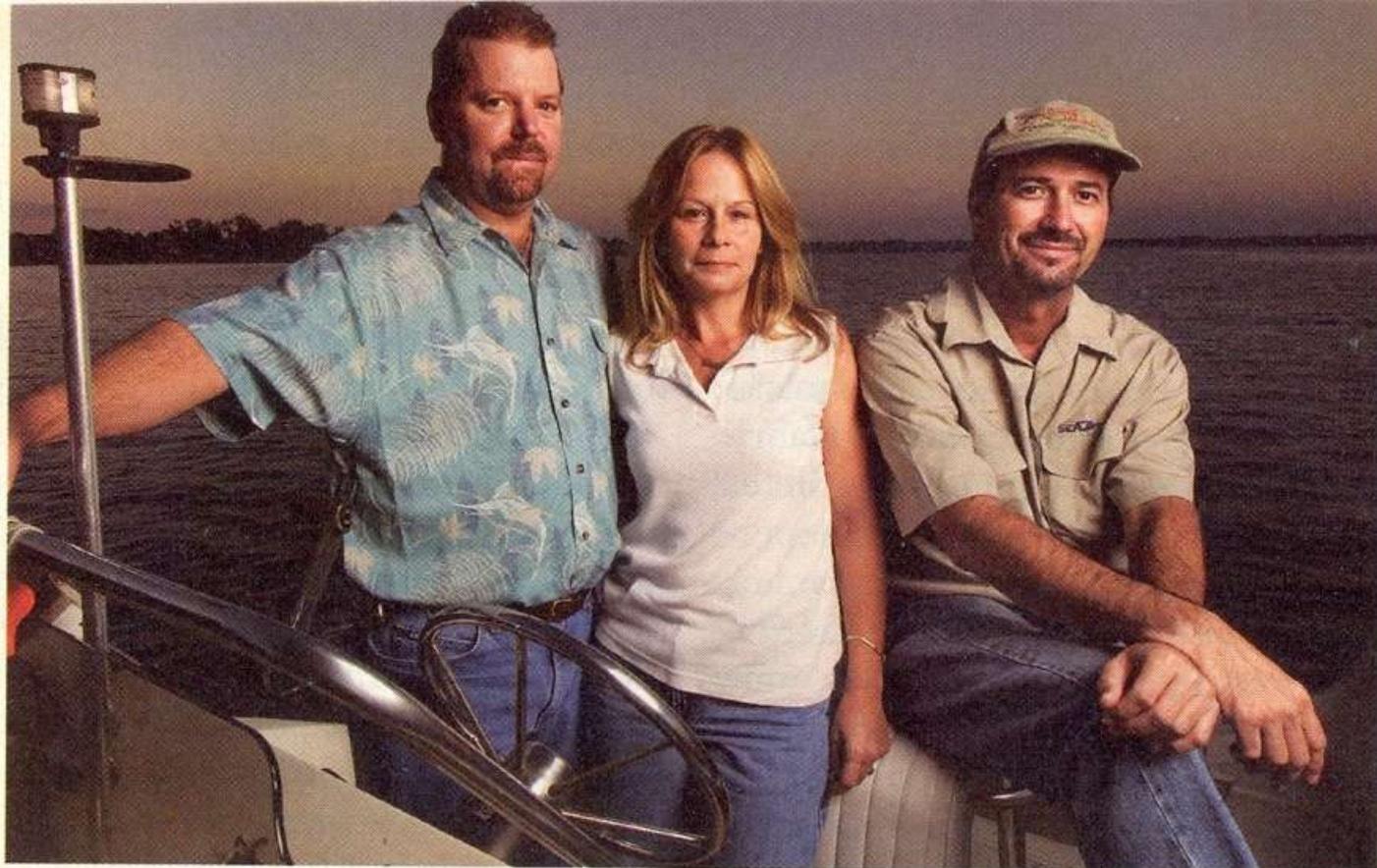
Um minuto depois, a popa afundou; a proa apontava para o céu. O isopor maior, uma enorme caixa térmica branca de aproximadamente um metro e meio de comprimento por um de largura, mantinha-se fortemente imprensado entre o eixo do timão e o casco. Estava carregado de comida e água, mas flutuava. Eles poderiam usá-lo para continuar boiando. Pollock decidiu arriscar mais um mergulho.

Nadou para baixo e agarrou a alça da caixa. Ela não queria se soltar. O

“Meu Deus! Acabamos de virar iscas para tubarões!”, desesperou-se. “Temos de sair daqui logo! Nadem!”

Quando, já a uns 100 metros de distância, eles olharam para trás, o barco havia desaparecido. Os cinco estavam agarrados a uma caixa de isopor flutuando em mar aberto. Pollock garantiu que a ajuda viria. Imitando o pai, Gabriel demonstrava confiança. “Cara, isso não é nada”, desdenhou. “O pessoal da Marinha faz isso o tempo todo.”

Mas Doolin sabia que o pior ainda estava por vir. Em poucos minutos, o golfo engoliria o grande sol laranja. Então ninguém conseguiria vê-los. E ninguém os procuraria, pois Pollock tinha avisado às famílias que talvez ficassem mais um dia fora – a



fim de não deixá-las preocupadas caso não voltassem para casa naquela noite.

A temperatura caiu. O vento do golfo sugava o calor de seus corpos. A temperatura da água, em torno dos 20° C, poderia causar hipotermia em três horas. Eles tremiam; os dentes batiam. E os pais abraçavam os filhos apertado.

Por volta das 22h15, um barco camaroneiro passou velozmente a talvez uns dois quilômetros de distância. “Me dê um sinalizador!”, Pollock gritou. Numa noite escura como aquela, um sinalizador com certeza chamaria a atenção de qualquer pessoa no convés do camaroneiro.

Ele o acendeu, esperando um grande arco de chama. Mas o dispositivo não chegou a alcançar nem três centímetros e se apagou. “Isso foi um clarão?”, disse Doolin com um meio sorriso. Pollock disparou um segundo sinalizador, que chegou

James e Carol Fullerton, com Joe Miley, a bordo do *InTheCooler*.

um pouco mais acima e também logo se apagou.

Um terceiro se acendeu e piscou, mas produzindo a mesma quantidade de luz que um palito de fósforo. Os sinalizadores que ele tinha recolhido eram os mais antigos que havia a bordo. A lanterna! Seu feixe podia ser mais fraco, mas brilharia por mais tempo. Pollock vasculhou a pequena caixa de isopor em que havia guardado os apetrechos de salvamento. Onde estava a lanterna? Tinha de estar ali. Mas havia sumido. Todos observaram o barco camaroneiro desaparecer.

CADA OSSO do corpo de Doolin tremia. Seria tão fácil desistir agora, fechar os olhos e deixar que o mar o levasse... Mas ele precisava continuar – por Michael.

Alto e magro, Michael era um menino que praticamente não tinha nenhuma gordura para protegê-lo do frio. Estava em estado de letargia agora, às vezes semiconsciente. “Acorde, acorde”, Doolin insistia. O garoto resmungava, e Doolin o abraçava, tentando esquecer o sonho da noite anterior, rezando para que o filho não morresse. Os outros meninos também estavam fracos e desorientados. Gabriel enjoava por causa da água salgada que tinha engolido. O pai o embalava, esfregando-lhe os braços para mantê-lo aquecido. Jordan parecia estar tendo alucinações. Os homens não conseguiam entender o que ele dizia, mas percebiam o seu medo.

QUANDO AMANHECEU, Gabriel e Jordan empinaram um pouco o corpo. Michael estava muito fraco para manter a cabeça erigida. Então, Doolin e Pollock o amarraram à alça da caixa de isopor para manter seu rosto fora d'água. Estavam perdidos havia quase 12 horas sem que o frio lhes desse qualquer alívio, e ainda faltavam horas para que o sol começasse a esquentar o ar e o mar.

Eles nadaram para leste, em direção à costa. Águas-vivas queimavam-lhes as pernas, mas eles continuavam. Às 7h, vendo o imenso vazio, Pollock caiu em desespero. Onde andariam todos os outros barcos? Quando o deles afundou, estava a uma hora da costa. Já era tempo de

avistarem embarcações de pesca na água. Mas será que elas os veriam?

Doolin achava que ninguém enxergaria cinco cabeças flutuando no nível da água. Ele já tinha pescado em Florida Keys e sabia que os pescadores procuravam observar as fragatas, pássaros que, ao mergulhar, lhes apontavam onde havia peixes. O que eles poderiam lançar no ar que chegasse a parecer um pássaro mergulhando em busca da presa? Bom, havia o isopor pequeno – era branco, teria de ser ele a solução.

Pouco depois das 8h, apareceram dois barcos ao longe, a sudoeste. Doolin arremessou a caixa no ar. Pollock jogou a bandeira de “perigo”. Gabriel e Jordan se uniram a eles, gritando, atirando para o alto tudo que podiam. Os barcos passaram em velocidade.

Doolin deu uma olhada em Michael, de perto. O menino estava mole, apenas semiconsciente, e não tremia mais. Assombrado por causa de seu sonho, Doolin se culpava por ter trazido o filho para pescar, e por estarem em perigo.

JOE MILEY, James Fullerton e sua mulher, Carol, estavam indo pescar num local a 55 quilômetros de Hudson. Com Miley no comando, o *InTheCooler* navegava a uma velocidade de aproximadamente 45 quilômetros por hora. Depois de mais de uma hora batendo contra as ondas, Miley parou para dar-lhes um descanso. Parecia que a hélice do barco havia recolhido algumas algas. Enquanto

Miley verificava, a embarcação deslizou para o sul.

Quando terminou de checar, ele olhou para o horizonte e vislumbrou algo que se movia. Era uma pequena mancha. Pássaros mergulhando, ou talvez tartarugas marinhas. Isso poderia significar que havia um arrecife. E arrecifes eram sinônimo de peixes.

- Você se importa se descermos uns dois quilômetros? - perguntou a Fullerton.

O outro estava relutante.

- Cara, nós temos um destino...

Mas, se achassem peixe, Miley disse, não precisariam ir mais longe. Decidiram dar uma olhada.

A menos distância, o movimento já parecia mais de lixo flutuando na água do que de pássaros ou tartarugas. Mas Miley continuou. Talvez, aquela coisa branca pulando para cima e para baixo sobre a água fosse mesmo um pássaro.

Ainda mais perto, por um segundo pensou que parecia mais com gente. Mas não podia ser. "Meu

Deus!", gritou Carol. "Há crianças na água!" Agora eles já podiam ouvir os gritos.

Lágrimas brotaram nos olhos de Doolin quando o barco encostou ao lado deles. As pessoas no convés ajudaram Michael e as outras duas crianças a embarcar. Depois, ele e Pollock subiram a bordo. A mulher enrolou o filho de Doolin em cobertores e toalhas, enquanto os homens conduziam o barco para a costa. Doolin, Pollock e os meninos não paravam de agradecer aos seus salvadores.

O QUE PODEMOS deduzir do sonho de Doolin? Teria sido premonição? Coincidência? O que sabemos de fato é que Michael e os demais sobreviveram, saudáveis e sem seqüelas.

E todos devem a vida principalmente a uma grande caixa térmica que os manteve flutuando, a uma pequena caixa que "voou" como um pássaro e a três pescadores, a bordo do *InTheCooler*, que os encontraram perdidos em mar aberto.

PRECISA-SE DE AMADORES

Sabendo que a fotografia era uma das minhas paixões, minha prima me perguntou se eu poderia tirar as fotos do seu casamento.

Respondi que sim, mas comecei a ficar nervoso na mesma hora. Será que as fotos ficariam em foco? Será que ela iria gostar da composição? Eu não ia me esquecer de ninguém?

Por fim, minha mulher se cansou daquilo:

- Pare de se preocupar. Se eles quisessem um fotógrafo de verdade teriam contratado um.

CURTIS HAMM, EUA



Felicidade é o melhor *lifting*.

DIANA KRALL

Ser contra a televisão é como ser contra a geladeira, o computador...

REGINA CASÉ na Trip

Você jamais tem uma segunda chance de causar a primeira impressão.

DANUZA LEÃO



Se você não sair da caixa na qual cresceu, nunca entenderá como o mundo é muito maior.

ANGELINA JOLIE

Eu adoro crianças e pessoas mais velhas. São as do meio que eu não agüento.

DON IMUS

Com a maturidade, aprendi a diferença entre conselho e intromissão. É preciso saber a hora de falar e a de calar.

INGRID GUIMARÃES em Nova

Vimos ao mundo para dar nomes às coisas: dessa forma nos tornamos senhores delas ou servos de quem as batizar antes de nós.

LYA LUFT



O humorista é o médico dos espíritos.

CHICO ANYSIO

Sei o que o riso pode fazer: transformar lágrimas quase insuportáveis em algo suportável, até promissor.

BOB HOPE

QUEM DISSE?

O tempo traz tantas coisas boas, mas as pessoas só falam de rugas.

- a) Cláudia Abreu
- b) Ana Maria Braga
- c) Antonio Fagundes

VEJA A RESPOSTA ABAIXO

\$ Pagamos até R\$ 50 por frases de pessoas famosas contemporâneas (página 18).

a) Cláudia Abreu